



CARTILHA

Como funciona o Fascismo

Os 14 Sintomas de Ur-Fascismo

Pixel Lex



Apresentação

Esta cartilha foi construída a partir de um esforço pedagógico e científico de sistematização dos principais elementos estruturantes do fascismo em sua forma contemporânea. Inspirada no conceito de *Ur-Fascismo* elaborado por Umberto Eco, bem como nas análises críticas desenvolvidas por Jason Stanley em sua obra *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*, a cartilha reúne reflexões acessíveis e aprofundadas sobre os sintomas sociais, políticos e culturais de regimes autoritários — e como eles se atualizam no presente.

Mais do que apenas um material informativo, esta cartilha é fruto de um fazer pedagógico-científico que busca articular conhecimento acadêmico e formação cidadã. A proposta parte da premissa de que a educação crítica é uma ferramenta fundamental na resistência aos discursos de ódio, à intolerância e à naturalização da violência política. Para isso, cada tópico é acompanhado de perguntas para debate e referências bibliográficas que incentivam a reflexão, o diálogo e o aprofundamento.

Sua elaboração está vinculada à atividade de extensão Arena Sociológica, um projeto do Laboratório Social de Administração da Justiça, Conflitos e Tecnologia (LSd), da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). O Arena Sociológica constitui-se como um espaço formativo e interdisciplinar que promove estudos, leituras, debates públicos, rodas de conversa, oficinas, produções de conteúdo e eventos voltados à crítica social dos sistemas de justiça e à análise das dinâmicas contemporâneas do poder.

Com base em uma perspectiva que integra sociologia, direito, antropologia e comunicação, o LSd busca compreender os conflitos e formas de resistência na sociedade brasileira, sobretudo em contextos marcados por desigualdades estruturais, conservadorismos e processos de criminalização dos dissensos. Nesse sentido, a cartilha se insere como uma ferramenta didática de enfrentamento às narrativas fascistas que vêm ganhando força nas redes sociais, na política institucional e em diversas práticas sociais.

Ao compartilhar este material, reforçamos o compromisso da universidade com a produção de conhecimento crítico, com a democracia e com os direitos humanos. Convidamos educadores(as), estudantes, militantes e a sociedade em geral a fazer uso da cartilha como instrumento de formação, diálogo e resistência.

1. Culto à tradição:

O fascismo exalta verdades absolutas do passado, rejeitando o progresso e glorificando uma sabedoria mística e imutável.

2. Rejeição da modernidade:

O fascismo disfarça sua aversão à razão e ao progresso com o verniz da tradição, promovendo um irracionalismo hostil ao Iluminismo.

3. Culto à ação pela ação:

O fascismo glorifica a ação impulsiva e despreza o pensamento crítico, tratando a reflexão como fraqueza e a cultura como inimiga.

4. Intolerância ao dissenso:

Para o fascismo, pensar diferente é trair — toda crítica é vista como ameaça e toda divergência como inimiga. Ao rejeitar a diversidade, promove-se a homogeneidade como forma de controle, alimentando o ódio ao que é distinto. Nesse ambiente, o irracionalismo floresce: em vez do debate, impõe-se o medo; em vez da escuta, a perseguição. O que escapa à norma é tratado como erro, desvio ou inimigo.

5. Desconfiança das Elites Intelectuais:

O fascismo combate a reflexão, a ciência e a dúvida. Ataca professores, intelectuais e artistas, porque teme tudo o que questiona, complica ou desnaturaliza a ordem. Em vez do saber, cultiva-se a obediência; em vez da escuta, o grito. Pensar vira ameaça — e o conhecimento, inimigo.

6. Medo da Diferença e Apelo à Frustração Social:

O fascismo manipula o medo e transforma a frustração em ódio. Em tempos de crise, aponta os “diferentes” como culpados: minorias, dissidentes, migrantes, intelectuais. A diversidade vira ameaça e a complexidade, inimiga. O ressentimento coletivo é mobilizado contra bodes expiatórios, criando uma ilusão de unidade pela exclusão. Assim, o autoritarismo se apresenta como solução para o caos — e a violência, como resposta legítima à dor.

7. Nacionalismo hostil e obsessão conspiratória:

O fascismo forja identidade pelo ódio: exalta a pátria e inventa inimigos, reais ou imaginários, para manter seus seguidores em estado de cerco.

8. Anticomunismo/Iliberalismo:

O fascismo reivindica a liberdade para si, enquanto, através de um discurso anticomunista e iliberal, mina instituições democráticas, transformando a pluralidade em inimiga a ser eliminada.

9. Vida como guerra permanente:

O fascismo cultua o conflito eterno, demoniza o pacifismo e sonha com uma batalha final que legitime seu domínio absoluto.

10. Elitismo de massa e hierarquia::

O fascismo exalta um povo “superior”, mas precisa da hierarquia e do desprezo pelos fracos para manter seu culto ao líder e à obediência.

11. Culto ao heroísmo e à morte:

O fascismo glorifica o sacrifício e transforma a morte em ideal, fazendo do martírio um dever e da violência, virtude.

12. Machismo e obsessão sexual:

O fascismo reprime a sexualidade, exalta a virilidade e transforma armas em símbolos de poder diante do que não consegue controlar.

13. Populismo autoritário:

O fascismo apaga o indivíduo em nome de um “povo puro” e fictício, cuja vontade é encarnada — e manipulada — por um líder absoluto.

14. Empobrecimento da língua:

O fascismo reduz o vocabulário e simplifica o pensamento — quanto menos se pensa, mais fácil é obedecer.

1. Culto à tradição

Uma das características centrais do Ur-Fascismo, é o Culto à Tradição. Essa característica baseia-se na ideia de que a verdade já foi revelada no passado e, portanto, todo o conhecimento digno está contido em uma sabedoria antiga e imutável. Nesse contexto, não há espaço para o progresso ou para o pensamento crítico: toda inovação é vista com desconfiança, e o passado é glorificado como um tempo de pureza e ordem que precisa ser restaurado.

O Culto à Tradição também implica um sincretismo ideológico, onde elementos contraditórios de diferentes crenças antigas são combinados de forma acrítica. Essa fusão de ideias serve mais à emoção e à identidade coletiva do que à lógica ou à razão. Os indivíduos que seguem esse culto não questionam as incoerências, pois sua fé não está ancorada em argumentos racionais, mas em uma devoção quase mística ao que é percebido como autêntico, ancestral e sagrado.

Assim, essa veneração ao passado cria um ambiente propício ao autoritarismo. Ao eliminar a dúvida e glorificar um modelo tradicional de sociedade, o Ur-Fascismo desestimula o debate, a diversidade e a reflexão intelectual. O Culto à Tradição, portanto, não é apenas uma valorização do passado, mas uma ferramenta poderosa para controlar o presente e moldar o futuro de acordo com uma visão fechada, uniforme e regressiva da realidade.



Perguntas para Debate:

- Até que ponto o uso político de símbolos históricos ou religiosos pode indicar um apego perigoso a esse culto?
- É possível identificar movimentos políticos ou sociais atuais que misturam discursos religiosos, patrióticos e culturais de maneira acrítica para mobilizar massas, sobretudo na política contemporânea, de acordo com as últimas eleições?
- Como a defesa de "valores tradicionais" tem sido usada, em diferentes países, para justificar discursos de ódio ou repressão a grupos minoritários?

Para saber mais:

ROVAI JR, Renato; SILVEIRA, Sergio Amadeu. O VELHO FASCISMO E O FASCISMO DIGITAL. Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 12, n. 1, 2022.

STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: L&PM, 2018.



2. Rejeição da modernidade

O tradicionalismo implica a recusa da modernidade. Essa rejeição vai além do desprezo por avanços tecnológicos ou científicos — volta-se especialmente contra valores modernos como o racionalismo, o pensamento crítico, a liberdade individual e os direitos universais.

O Ur-Fascismo enxerga o progresso como ameaça à ordem tradicional, ao poder centralizado e às hierarquias fixas. Em seu lugar, valoriza-se um passado idealizado — muitas vezes fictício —, tratando tradições como se fossem puras e imutáveis. Essa visão sufoca a diversidade de ideias e tenta impor um único modelo de cultura, comportamento e identidade nacional.

Embora fascistas históricos tenham exaltado a tecnologia, essa admiração era superficial e instrumental, mascarando uma rejeição mais profunda ao mundo moderno: o ódio ao espírito iluminista e racionalista do século XVIII, visto como corruptor dos “valores tradicionais”. Por isso, Eco classifica o Ur-Fascismo como essencialmente irracionalista.

Hoje, essa lógica persiste na negação das ciências humanas, no ataque à arte e na tentativa de controlar o que pode ser discutido em sala de aula. O rechaço a temas como gênero, sexualidade ou direitos humanos, e a perseguição a educadores sob a acusação de “doutrinação”, expressam o esforço de impor uma visão única de mundo — dita tradicional — e silenciar vozes dissidentes.

A rejeição da modernidade não é um discurso abstrato: é uma prática concreta que ameaça a cultura, a ciência e o debate democrático — pilares fundamentais de qualquer sociedade livre.



Questões para debate:

- A tentativa de “controlar” o que pode ser discutido nas escolas é uma forma de autoritarismo? Por quê?
- Na sua opinião, por que regimes autoritários têm medo do pensamento crítico e da liberdade de expressão?
- O fascismo histórico exaltava um passado idealizado e usava isso para justificar violência e exclusão. Hoje, você vê esse tipo de discurso em slogans políticos ou movimentos sociais?

Para saber mais:

ECO, Umberto. O Fascismo Eterno. São Paulo: Record, 2019.

STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.



3. Culto à ação pela ação

Atribui-se à Joseph Goebbels, ministro da propaganda da Alemanha Nazista, a frase “Quando ouço falar em cultura, pego logo a pistola”, que perfeitamente reflete a suspeita em relação ao mundo intelectual característica ao Ur-Fascismo. Para o fascismo, pensar demais é visto como fraqueza; questionar, duvidar ou analisar é visto como inútil ou até perigoso. O que importa é agir, mesmo que sem saber por que ou contra quem.

Daí extraí-se sua terceira característica: o culto à ação pela ação, ou, em outras palavras, a valorização da ação imediata, impulsiva e sem reflexão. Neste contexto, o pensamento é visto como uma forma de castração, enquanto a ação está ligada à força e à virilidade. Assim, a dúvida, tratada como obstáculo, é descartada em favor da obediência, a razão é substituída por slogans, gritos de guerra, gestos simbólicos e emoções fortes, como o medo ou a raiva.

Essa ideia rejeita a discussão crítica e o debate, favorecendo o imediatismo, a força bruta e a demonstração de poder. O Ur-Fascismo vê a ação como um fim em si mesma, sem necessidade de um plano ou de um objetivo claro, apenas para mostrar poder e dominar.

Hoje em dia, nas redes sociais, é comum ver pessoas compartilhando notícias falsas sem verificar as informações ou refletir sobre as consequências. Elas postam e compartilham rápido, só para causar impacto ou mostrar que “estão agindo”, mesmo que isso gere conflitos e desinformação. Esse comportamento de agir imediatamente, sem pensar, pode ser visto como um eco do culto à ação pela ação.

O culto da ação pela ação exalta o agir imediato e impetuoso, sem reflexão profunda sobre as consequências sociais, éticas ou humanas.



Questões para debate:

De que formas o culto à ação pode ser usado para silenciar vozes diferentes ou minoritárias?

Movimentos autoritários atuais também desconfiam da ciência, da filosofia e do jornalismo crítico. Isso tem relação com o culto à ação? Por que o pensamento fascista vê a reflexão, a arte e o conhecimento como sinais de fraqueza? Isso ainda acontece hoje?

Para saber mais:

ARENDT, H. Ideologia e terror: uma nova forma de governo. In: As Origens do Totalitarismo. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 611-639.



4. Intolerância ao dissenso

Na modernidade, o desacordo é motor do conhecimento: na ciência, é da contradição que surgem novos caminhos. No Ur-Fascismo, porém, discordar é trair. Toda crítica é vista como ameaça — não apenas ao discurso dominante, mas à própria ordem social. Isso decorre de uma recusa sistemática ao pensamento complexo e à reflexão racional.

O fascismo mistura, de forma confusa, ideias religiosas, morais, culturais e políticas, criando um sincretismo incoerente, mas emocionalmente mobilizador. Símbolos religiosos são combinados com nacionalismo extremo; moralismo conservador se junta a promessas tecnológicas. Mesmo que contraditórias, essas ideias são tratadas como verdades absolutas, imunes à crítica.

Nessa lógica, a coerência não importa — importa o impacto emocional. Questionar é perigoso. Quem levanta dúvidas é rotulado de inimigo, traidor ou “destruidor de valores”. O pensamento crítico, a ciência e a educação são alvos diretos: professores, intelectuais e pesquisadores tornam-se inimigos simbólicos por desafiarem os dogmas e denunciarem injustiças.

Exemplos desse padrão aparecem quando autoridades dizem defender “os valores da família cristã” enquanto atacam políticas de saúde sexual, educação inclusiva e combate ao racismo — contradizendo, inclusive, princípios cristãos de acolhimento. Mas apontar essas incoerências costuma gerar reações agressivas: o crítico vira “intolerante” ou “ideológico”. O dogma não pode ser debatido. E para que esse sincretismo autoritário funcione, o debate precisa ser silenciado.

Questões para debate:

Como o uso confuso e emocional de símbolos religiosos, morais e políticos pode ser usado para impedir o debate público?

O que está em jogo quando se acusa de “intolerância religiosa” quem apenas aponta incoerências ou critica discursos de poder?

Por que o fascismo vê a crítica, a dúvida e a complexidade como ameaças? Como isso se manifesta nos ataques à ciência, à educação e aos direitos humanos?



Para saber mais:

ECO, Umberto. O Fascismo Eterno. São Paulo: Record, 2019.

STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.

KLEMPERER, Victor. LTI: A linguagem do Terceiro Reich. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.



5. Desconfiança das elites intelectuais

O anti-intelectualismo é uma marca persistente do fascismo, que rejeita a reflexão crítica, a ciência e o pensamento autônomo. Em lugar da dúvida, cultiva-se a certeza dogmática; em vez da argumentação racional, privilegia-se a autoridade da emoção e da força. Para o fascismo, o intelectual é visto como inimigo: alguém que questiona verdades estabelecidas, desnaturaliza privilégios e aponta contradições do poder.

Essa hostilidade se manifesta na deslegitimação de professores, pesquisadores, jornalistas e artistas. Desacredita-se a universidade, difunde-se desinformação sobre o ensino, e rotulam-se produções críticas como "doutrinação". O conhecimento, quando não serve à propaganda oficial ou aos mitos fundadores da ordem tradicional, torna-se um alvo. O fascismo não nega apenas fatos: ele despreza a ideia de que o saber pode ser construído coletivamente e em disputa.

Mais do que ignorância, o anti-intelectualismo fascista é uma estratégia. Ele simplifica o mundo para facilitar o controle, elimina a complexidade para impor certezas absolutas. Nessa lógica, a escola deve formar obedientes, não pensadores. O medo do pensamento crítico, da dúvida e da pesquisa é, no fundo, o medo da liberdade. Onde há fascismo, há ataque à inteligência como forma de resistência.



Perguntas para Debate:

Como o discurso anti-intelectual aparece nas críticas ao sistema educacional e às universidades públicas?

Em que medida a desvalorização da ciência e do pensamento crítico impacta as decisões políticas?

Por que o fascismo teme a complexidade e valoriza explicações simplistas?

O que significa chamar professores de "doutrinadores"? Quem se beneficia desse ataque?

Como o anti-intelectualismo se expressou em debates públicos recentes sobre saúde, história e cultura?

Para saber mais:

ORTEGA Y GASSET, José. A Rebelião das Massas. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: L&PM, 2018.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



6. Medo da diferença e apelo à frustração social

O fascismo cresce em solos férteis de frustração social. Situações de crise — econômica, política ou simbólica — produzem angústias difusas, perdas de status, inseguranças materiais e afetivas. Esses sentimentos, muitas vezes legítimos, são canalizados por discursos autoritários que apontam culpados convenientes: grupos minoritários, opositores políticos, imigrantes, movimentos sociais, mulheres, povos indígenas, pessoas LGBTQIA+. A diversidade é transformada em ameaça, e o diferente, em inimigo.

Essa operação simbólica simplifica a realidade: em vez de enfrentar as causas estruturais da desigualdade e da injustiça, o fascismo oferece explicações fáceis e soluções violentas. Alimenta-se do ressentimento de quem sente que “perdeu algo” — status, poder, privilégios — e promete restaurar uma ordem perdida. Para isso, busca uma “pureza” social e política que só é possível através da exclusão.

Esse processo mobiliza afetos como medo, raiva e humilhação, desativando a empatia e a razão crítica. A frustração, em vez de gerar solidariedade, é convertida em ódio. O fascismo transforma sofrimento em arma política — e oferece pertencimento em troca de obediência e intolerância. A falsa unidade se constrói com muros simbólicos, não com pontes democráticas.



Perguntas para Debate:

- Quais são os grupos sociais frequentemente transformados em “culpados” durante crises políticas?
- De que forma o ressentimento social pode ser manipulado por discursos autoritários?
- Como o medo e a raiva são utilizados para justificar violências e retrocessos em direitos?
- Por que a diversidade é apresentada como ameaça em regimes fascistas?
- É possível canalizar frustrações sociais de forma construtiva e democrática?

Para saber mais:

- REICH, Wilhelm. Psicologia de Massa do Fascismo. São Paulo: L&PM, 2017.
- STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- ECO, Umberto. O Fascismo Eterno. São Paulo: Record, 2019.
- BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.



7. Nacionalismo hostil e obsessão conspiratória

O fascismo se sustenta em um nacionalismo exacerbado e excludente. Exalta a pátria de forma acrítica e transforma o amor à nação em instrumento de perseguição. A nação é retratada como um corpo puro, ameaçado por forças internas ou externas que precisam ser eliminadas. Essa ideia produz uma identidade coletiva baseada no medo, no ressentimento e na intolerância.

Em vez de celebrar a diversidade, o fascismo impõe uma visão homogênea de povo, cultura e moral. A figura do “inimigo interno” — real ou imaginário — é central: judeus, comunistas, imigrantes, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, intelectuais e movimentos sociais são alvos preferenciais. Sua função é dupla: manter a coesão do grupo dominante e justificar políticas autoritárias.

Essa lógica se alimenta da obsessão conspiratória: toda crise é interpretada como resultado de um complô. Cria-se um estado permanente de alerta e mobilização, em que a violência é naturalizada como legítima defesa da nação. Essa mentalidade aproxima-se da “guerra santa”, onde os fins justificam os meios.

Nas redes sociais, esse delírio ganha velocidade. Teorias da conspiração e desinformação criam realidades paralelas, nas quais o poder se blindava e toda crítica é tratada como traição. Assim, o fascismo contemporâneo se nutre do ódio, do medo e da ilusão de pureza — e mantém seus seguidores em guerra simbólica permanente.



Questões para debate:

- De que forma o apelo ao nacionalismo hostil pode ser identificado em discursos políticos contemporâneos, mesmo fora de regimes assumidamente fascistas?
- Quais são os impactos sociais e políticos da disseminação de teorias da conspiração na construção de inimigos imaginários dentro de uma nação?
- É possível promover um sentimento de pertencimento nacional sem recorrer à exclusão do "outro"? Como construir uma identidade coletiva que valorize a diversidade e a pluralidade?

Para saber mais:

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHOMSKY, Noam. Mídia: propaganda política e manipulação. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LIMA, Venício A. Mídia: teoria e política. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.



8. Anticomunismo/Iliberalismo

O fascismo reivindica a liberdade — mas só a sua própria. Ataca direitos civis, movimentos sociais e instituições democráticas sob o pretexto de defender o “povo” contra uma ameaça constante e difusa. O anticomunismo é o principal símbolo dessa cruzada: não representa apenas oposição a uma doutrina política, mas se torna uma arma retórica usada para deslegitimar toda forma de crítica, diversidade ou transformação social. Qualquer agenda de direitos, redistribuição ou igualdade é tachada de “comunista”.

Essa retórica se reinventa no século XXI com o discurso antiliberal e anti-woke. A crítica à “ideologia de gênero”, ao feminismo, à educação antirracista, à cultura universitária ou aos debates sobre sexualidade são reformulados como se fossem ameaças comunistas travestidas de linguagem contemporânea. A “turma antiwoke” combate não ideias, mas existências — e transforma a democracia pluralista em campo de guerra moral.

Nesse cenário, o fascismo adota um iliberalismo agressivo: não apenas recusa a mediação democrática e os direitos de minorias, mas atua ativamente para desmontar instituições. Ataca escolas, universidades, imprensa, tribunais, movimentos de base. Alega defender a nação e a moral, mas opera pelo medo, pelo ressentimento e pela eliminação simbólica (ou física) do outro.

Sob o disfarce de “defesa da liberdade”, o fascismo contemporâneo corrói os fundamentos da democracia. A liberdade, nesse discurso, vale apenas para quem se conforma com a norma. Todo o resto — o diferente, o dissidente, o crítico — vira inimigo a ser silenciado.

Questões para debate:

- Como a retórica anticomunista é utilizada hoje para atacar movimentos sociais, professores e artistas?
- O que há de comum entre o anticomunismo do século XX e o discurso antiwoke atual?
- Em que medida o uso de “liberdade” nesse discurso está dissociado de uma prática democrática real?
- Quem se beneficia com o ataque às universidades, às pautas de diversidade e aos direitos civis?
- O que o conceito de “iliberalismo” nos ajuda a compreender sobre o avanço da extrema direita no Brasil e no mundo?



Para saber mais:

- ROSA, P. O. Fascismo tropical: uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras. Vitória: Milfontes, 2019.
- MOUNK, Yascha. O povo contra a democracia. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Laymert Garcia dos. Politizar as novas tecnologias. São Paulo: 34, 2003.



9. Vida como guerra permanente

Uma das marcas distintivas do Ur-Fascismo, segundo Umberto Eco, é a noção de que a vida deve ser encarada como uma guerra permanente. Esse princípio se baseia na ideia de que a existência humana é uma luta constante contra inimigos — reais ou imaginários — e que só há espaço para a vitória ou a submissão. Dessa forma, o pacifismo é visto como fraqueza e a vida em sociedade é reduzida a uma lógica de confronto, onde a paz duradoura é considerada uma ilusão perigosa.

No Ur-Fascismo, os inimigos são essenciais: sem eles, o sistema ideológico entra em colapso. Assim, o fascismo precisa constantemente construir e alimentar figuras de oposição — estrangeiros, minorias, opositores políticos, intelectuais — que representem uma ameaça à "ordem" ou aos "valores nacionais". Essa estratégia cria um estado de alerta contínuo, impedindo o diálogo e a coexistência.

Além disso, a ideia de guerra permanente reforça a mobilização constante da população em torno de um líder forte, que promete proteção e retaliação contra os supostos agressores. O medo é, portanto, uma ferramenta de controle: mantém a sociedade em tensão e desestimula o questionamento. Nesse cenário, a democracia e os direitos civis tornam-se obstáculos a serem superados em nome da "segurança" e da "unidade nacional".



Questões para Debate:

- Como essa visão militarizada da vida influencia discursos políticos que exaltam a força, a violência e a intolerância como virtudes?
- De que maneira a criação de "inimigos internos" tem sido utilizada por líderes autoritários contemporâneos para justificar políticas repressivas?
- Até que ponto o uso do medo como instrumento de governo ameaça os princípios democráticos nas sociedades atuais?

Para saber mais:

BORDIN, Marcelo. A guerra é a regra: a hipermilitarização da segurança pública no Brasil. Curitiba: PG Editorial, 2022

CAMARGO, G. M.; ROSA, P. O.; BORDIN, M. Educando para a guerra: as relações entre o complexo industrial-militar e os jogos eletrônicos. Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 16, n. 2, p. e3404, 2024.



10. Elitismo de massa e hierarquia:

O fascismo precisa de um inimigo. Ele não apenas identifica opositores: ele os fabrica, projetando neles a culpa por todos os males da sociedade — da crise econômica à “degeneração moral”. Para isso, aplica uma estratégia discursiva ambígua: transforma o inimigo em algo simultaneamente perigoso e desprezível.

Conforme Umberto Eco observou, o Ur-Fascismo apresenta seus adversários como poderosos demais e fracos demais. São retratados como uma ameaça existencial à nação — capazes de destruir tradições, valores e instituições —, mas também como degenerados, doentes, inferiores ou manipuláveis. Essa dualidade justifica a repressão: se o inimigo é forte, deve ser combatido; se é fraco, pode ser humilhado.

Essa lógica se repete com diferentes alvos. Professores são acusados de “doutrinar” enquanto são ridicularizados como improdutivos. Migrantes são vistos como ameaça à segurança e ao emprego, mas também como parasitas frágeis. Pessoas LGBTQIAP+ são tratadas como agentes de destruição da família, mas também como confusas ou doentes. Assim, o fascismo reforça uma hierarquia moral e social, onde apenas alguns têm valor — os obedientes, os “normais”, os nacionalistas.

Esse elitismo de massa constrói um povo idealizado, mas obediente; exaltado como soberano, mas submisso à autoridade. Todos os demais são descartáveis. O fascismo precisa do outro para consolidar seu poder — e precisa, acima de tudo, que esse outro seja temido e ridicularizado ao mesmo tempo.

Perguntas para Debate:

- Quando algo não sai como esperado, quão susceptível você é a adotar opiniões mais pessimistas ou discursos mais radicais?
- Quando você está irritado ou cansado, nota se fica menos aberto ou com menos paciência a ouvir opiniões diferentes da sua?
- Em relação as redes sociais, você acredita que elas ajudam ou pioram a frustração e divisão entre pessoas? Porque?



Para saber mais:

ROSA, P. O. Fascismo tropical: uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras. Vitória: Milfontes, 2019.

STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.



11. Culto ao heroísmo e à morte

O Culto ao Heroísmo e à Morte é uma peça central do Ur-Fascismo. Para Umberto Eco, o herói fascista é aquele que vive em função do sacrifício, da coragem cega e da obediência ao dever. Nesse contexto, o heroísmo não está associado à compaixão ou à justiça, mas à disposição para lutar e morrer por um ideal nacionalista, frequentemente sem questioná-lo. O herói idealizado é violento, resistente à dor e indiferente à própria sobrevivência — um modelo que rejeita a fragilidade e enaltece a brutalidade como virtude.

Esse culto brutal ao heroísmo está intrinsecamente ligado a uma exaltação da morte. No Ur-Fascismo, morrer pela pátria é o ápice da glória, e a morte se torna uma forma de afirmação ideológica. O valor da vida humana é relativizado em nome de um ideal coletivo, geralmente vago e mitificado, como a "nação", a "honra" ou a "tradição". Tal visão despreza o pensamento crítico, pois quem questiona o valor do sacrifício é rotulado como covarde ou traidor.

Além disso, o culto ao heroísmo reforça uma estrutura autoritária em que não há espaço para o individualismo ou a dúvida. O cidadão ideal deve estar disposto a se anular pelo bem maior, seguindo líderes que se apresentam como encarnações vivas desse ideal heroico. Essa lógica contribui para a manutenção de regimes opressores, ao valorizar a obediência cega em detrimento da autonomia moral.



Perguntas para Debate:

- Como esse tipo de heroísmo, centrado na violência e no sacrifício, se manifesta em narrativas políticas ou culturais da atualidade?
- De que forma a glorificação da morte por causas políticas ainda é usada para silenciar dissidências ou romantizar conflitos armados?
- Como a idealização do "herói obediente" pode ser usada para justificar regimes que anulam a liberdade individual e os direitos humanos?

Para saber mais:

- RUFANGES, J. C. (Org.). Mentres Militarizadas: Cómo nos educan para asumir la guerra y la violencia. Barcelona: Icaria editorial, 2016.
- BORDIN, M. A guerra é a regra: A hipermilitarização da segurança pública no Brasil: PG editorial, 2021.



12. Machismo e obsessão sexual

O fascismo tem, em sua base, uma profunda relação de medo e controle em relação ao corpo, à sexualidade e ao desejo. Trata-se de um regime que não apenas reprime a liberdade sexual, mas a transforma em campo de batalha simbólica. A sexualidade é vigiada, disciplinada e moralizada. Tudo aquilo que escapa à norma heterossexual, monogâmica, patriarcal e reprodutiva é tratado como ameaça à ordem.

Nesse contexto, o machismo deixa de ser apenas uma característica cultural e passa a ser instrumento político de dominação. A virilidade é exaltada como valor nacional: o líder é o “homem forte”, o guerreiro, o pai da pátria. Qualquer sinal de fragilidade, sensibilidade, ambiguidade ou feminilidade é tratado como fraqueza ou degeneração. Homens são convocados a provar sua masculinidade através da obediência, da violência, do domínio — sobre o corpo alheio, sobre as mulheres, sobre a própria emoção.

Essa lógica gera uma verdadeira obsessão sexual: ao mesmo tempo em que se condena e censura o desejo, o fascismo é obcecado pelo sexo. Fala-se de forma constante sobre moralidade sexual, pureza, castidade, família tradicional, ao passo que se persegue com fúria tudo o que escapa dessa norma. Mulheres livres, pessoas LGBTQIAPN+, corpos racializados ou não normativos são objetos de censura, repressão e violência.

Além disso, há uma forte simbologia fálica associada à guerra e ao poder. Armas, fardas, tanques, gestos e insígnias tornam-se extensões da virilidade exaltada. O armamento — especialmente em regimes autoritários contemporâneos — é apresentado como símbolo de honra, proteção e autoridade, enquanto o cuidado, o afeto e a convivência são depreciados como sinal de fraqueza. Essa militarização do corpo masculino está diretamente relacionada ao medo de perder o controle sobre os corpos e os desejos dos outros.

Por fim, o fascismo vê o controle da sexualidade como uma forma de garantir a reprodução da nação — biologicamente e moralmente. Por isso, a figura da “boa mãe”, da mulher submissa, da esposa dedicada é exaltada, enquanto a mulher autônoma, feminista ou sexualmente livre é demonizada. O fascismo precisa da repressão sexual para manter sua ordem hierárquica e para legitimar sua violência como resposta ao “desvio”.

Perguntas para Debate:

- Como o controle da sexualidade e a exaltação da virilidade servem aos projetos autoritários de poder?
- De que forma a militarização dos símbolos fálicos, tais como as armas e os uniformes, reforça o machismo em discursos fascistas?
- É possível pensar em um modelo de masculinidade que não se fundamente na dominação e na violência? Como esse modelo ameaçaria o fascismo?

Para saber mais:

HOOKS, B. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOLLANDA, H. B. de (org.). Pensamento feminista hoje perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.



13. Populismo autoritário

O fascismo opera por meio de um populismo autoritário que afirma falar em nome do “povo”, mas apaga sua diversidade. O “povo” não é visto como um conjunto plural de sujeitos com interesses distintos, e sim como uma entidade homogênea e fictícia — o “povo puro”, a “nação verdadeira”, o “cidadão de bem”. Essa abstração serve para concentrar poder na figura de um líder que se apresenta como único intérprete legítimo dessa vontade coletiva. Essa vontade não emerge do debate público, mas é forjada e imposta de cima para baixo, substituindo a complexidade democrática por uma idealização moralizada da nação. O líder dispensa instituições como o parlamento, a imprensa e a justiça, falando diretamente “pelo povo”.

Nesse processo, o indivíduo é apagado. A singularidade, a autonomia e os direitos pessoais são vistos como obstáculos ao projeto nacional. Qualquer crítica ao regime é tratada como traição, e a discordância se torna crime simbólico. O resultado é um consenso forçado, no qual só há espaço para a submissão.

Esse tipo de populismo mobiliza afetos intensos: medo, ressentimento, orgulho e desejo de pertencimento. Constrói um “nós” unificado que depende da existência de um “eles” a ser combatido — inimigos reais ou inventados. A polarização não é efeito colateral, mas condição de funcionamento. Trata-se de uma política contra alguns, que legitima exclusões, perseguições e, em casos extremos, violência estatal.

A figura do líder ganha contornos messiânicos. Ele não apenas representa o povo, mas se confunde com ele. Suas palavras são incontestáveis, seus erros são negados ou reinterpretados como sacrifício. O carisma sobrepõe-se às leis. As fronteiras entre governo e identidade nacional se apagam, abrindo caminho para o autoritarismo.

O populismo autoritário não é apenas uma técnica de mobilização — é um método de controle e homogeneização que transforma a política em espetáculo de obediência. Em nome de um povo que não existe como unidade real, destrói-se a convivência democrática entre diferentes.



Perguntas para Debate:

- Como o conceito de “povo” é manipulado em regimes fascistas para justificar a concentração de poder e o autoritarismo?
- Quais são os riscos de personalizar a política na figura de um líder carismático que diz encarnar a vontade popular?
- É possível construir um projeto coletivo democrático sem apagar as diferenças individuais e os conflitos sociais? Como?

Para saber mais:

ROSA, P. O. et al. Tecnoconservadorismo e o Brasil Paralelo. São Paulo, SP: Autonomia Literaria, 2024.

STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.



14. Empobrecimento da língua

O empobrecimento da linguagem é uma estratégia fundamental dos regimes autoritários. Ao simplificar o vocabulário, esvaziar significados e repetir fórmulas prontas, o fascismo reduz a capacidade das pessoas de pensarem criticamente e nomearem o mundo de maneira complexa. Quanto mais limitada a linguagem, mais difícil se torna formular dúvidas, expressar insatisfações ou imaginar alternativas.

George Orwell chamou esse fenômeno de novilíngua (Newspeak): uma linguagem artificial, criada para restringir o pensamento e tornar certos conceitos literalmente impensáveis. Já o filólogo Victor Klemperer, em sua obra LTI – A Língua do Terceiro Reich, mostrou como o nazismo não apenas impôs palavras, mas moldou o próprio modo de sentir e perceber o mundo. A linguagem autoritária não comunica – ela condiciona. Não debate – ordena.

Essa degradação afeta não só o pensamento individual, mas o tecido da cultura democrática. Frases feitas, chavões ideológicos e eufemismos violentos circulam no lugar de ideias. A complexidade é substituída por dicotomias morais (“do bem” x “do mal”, “cidadão de bem” x “inimigo da pátria”). Assim, a linguagem torna-se ferramenta de controle e uniformização, formando sujeitos que não pensam, apenas repetem. Quando a palavra empobrece, o pensamento se submete – e a democracia adoece.



Perguntas para Debate:

- Já parou para pensar porque os integrantes dos centros acadêmicos como escolas e universidades se tornam alvos para os líderes autoritários?
- Em conversas com amigos, colegas e família, você já percebeu uma preferência as respostas rápidas ao invés de debates mais aprofundados?
- Como você reage com frases curtas ou emojis em relação a textos extensos e detalhados nas redes sociais?

Para saber mais:

YOUSAFZAI, Malala; MCGEE, Christina. Malala: a menina que queria ir para a escola. Tradução de Tereza Freitas. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013. 160 p.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KLEMPERER, Victor. LTI: A linguagem do Terceiro Reich. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1989.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

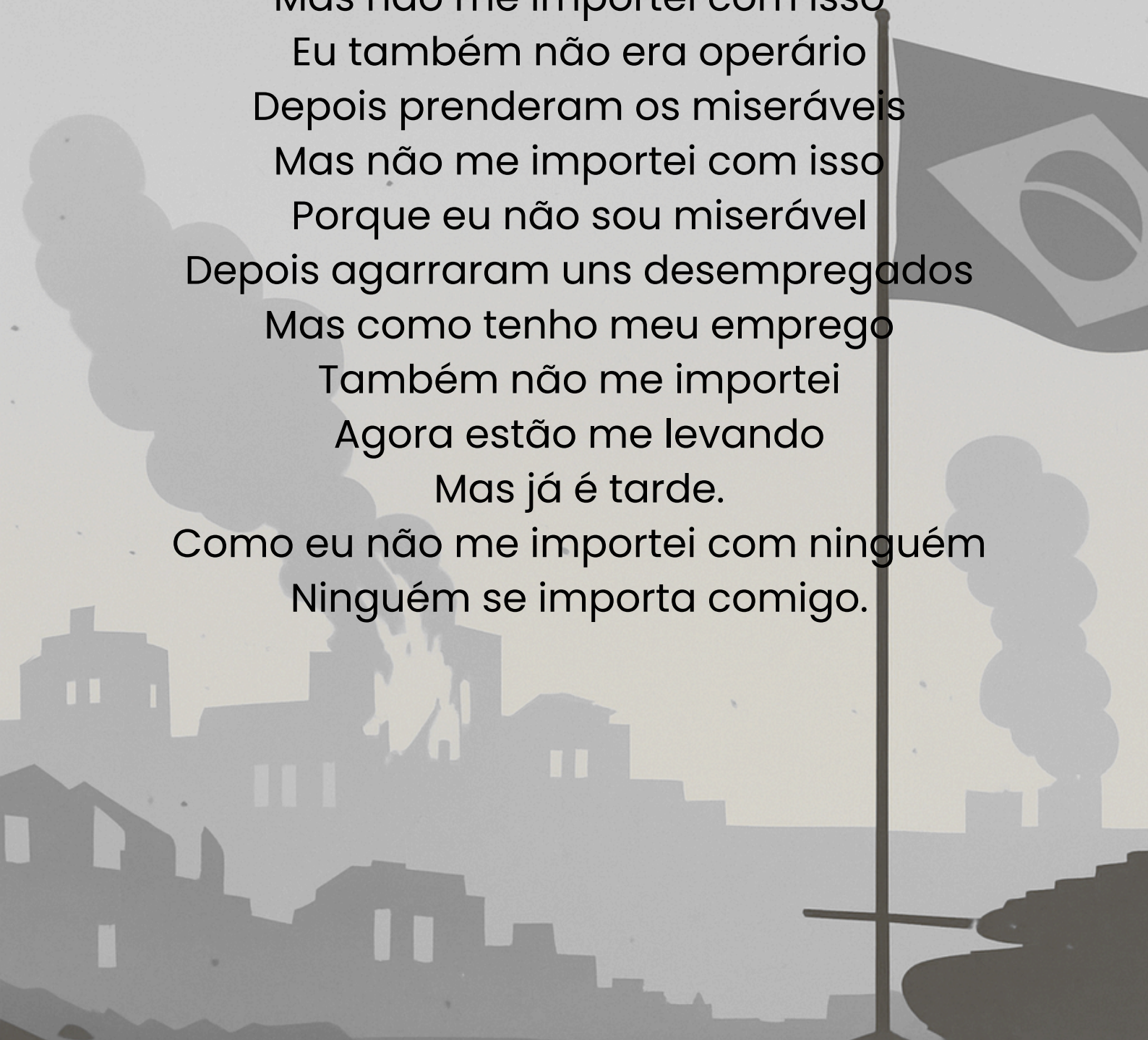
HAN, Byung-Chul. A expulsão do outro. Petrópolis: Vozes, 2017.



Primeiro levaram os negros

- Bertolt Brecht (1898-1956)

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.



Cartilha

Como Funciona o Fascismo

~~Os 14 sintomas do Ur-Fascismo~~

Pixel Lex

Realização

Laboratório Social de Administração da Justiça, Conflitos e Tecnologia (LSd) da
Universidade Católica de Pelotas - UCPel

Projeto Arena Sociológica

Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos

Linha de Pesquisa: Direitos Humanos, Segurança e Acesso à Justiça

Curso de Graduação em Direito

Apoio:

INCT/InEAC - ISULPAR - GESPDH/UFPR - NUPARC/UVV

Coordenação Geral:

Aknaton Toczec Souza - UCPel

Pablo Ornelas Rosa - UVV

Marcelo Bordin - UFPR

Giovane Matheus Camargo - ISULPAR

Marcos Veríssimo - INCT/InEAC

Coordenação Discente:

Ana Luiza Schuch

Laura Alves Menon

Raíssa Ferreira Miranda

Autoras(es):

Aknaton Toczec Souza

Ana Luiza Schuch

Laura Alves Menon

Malena Elis Monserrat

Raíssa Ferreira Miranda

Produção editorial:

Aknaton Toczec Souza

Ana Luiza Schuch

Malena Elis Monserrat

Raíssa Ferreira Miranda

ISBN nº 978-65-01-60523-4

Estruturas do Ódio

**Debates sobre fascismos,
extrema direita e autoritarismos**

Equipe

Coordenação Geral:

Aknaton Toczec Souza - UCPel

Pablo Ornelas Rosa - UNV

Marcelo Bordin - UFPR

Giovane Matheus Camargo - ISULPAR

Marcos Veríssimo - INCT/InEAC

Felipe Lazzari da Silveira - UFPel

Christiane Russomano Freire - UCPel

Coordenação Discente:

Ana L. Schuch

Laura A. Menon

Raíssa F. Miranda

Estruturas do Ódio

Debates sobre fascismos,
extrema direita e autoritarismos

Playlist do evento



Inscreva-se e apoie

Saiba mais em:
arenasociologica.com

Estruturas do Ódio

Debates sobre fascismos,
extrema direita e autoritarismos

Realização e apoio:

UCPEL

CATÓLICA DE PELOTAS

**INCT
InEAC**

Instituto de Estudos
Comparados em Administração
Institucional de Conflitos



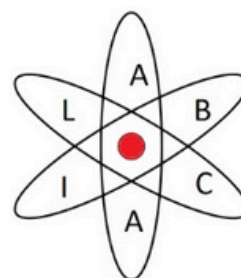
DIREITO
UCPEL



MESTRADO E
DOUTORADO EM
POLÍTICA SOCIAL
E DIREITOS HUMANOS
UCPEL



GRUPO DE ENSINO
ISULPAR



Laboratório
Social de
Administração
da Justiça,
Conflitos e
Tecnologia



**NU
PARC***

Núcleo de Pesquisa
em Ativismo, Resistências e Conflitos



Grupo de Estudos
em Segurança Pública e Direitos Humanos